



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA - IEAD – INSTITUTO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

**INSTITUTO DE HUMANIDADES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATU SENSU
METODOLOGIAS INTERDISCIPLINARES E INTERCULTURAIS PARA O
ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO**

ANTONIA NOELIA LOPES ROCHA

**INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA: DIÁLOGOS INTERCULTURAIS E
INTERDISCIPLINARES SOBRE
O ESPAÇO OCUPADO PELO NEGRO NO TEXTO LITERÁRIO**

**SOBRAL-CEARÁ
2022**

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA - IEAD – INSTITUTO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

**INSTITUTO DE HUMANIDADES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATU SENSU
METODOLOGIAS INTERDISCIPLINARES E INTERCULTURAIS PARA O
ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO**

ANTONIA NOELIA LOPES ROCHA

**INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA: DIÁLOGOS INTERCULTURAIS E
INTERDISCIPLINARES SOBRE
O ESPAÇO OCUPADO PELO NEGRO NO TEXTO LITERÁRIO**

Trabalho apresentado a Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira – IEAD- Instituto de Educação a Distância, como requisito parcial de aprovação do Curso de Pós- Graduação Latu Sensu- Metodologias Interdisciplinares e Interculturais para o Ensino Fundamental e Médio.

Orientadora: Prof^a Dr^a Mara Rita Duarte de Oliveira

**SOBRAL -CEARÁ
2022**

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de tecer reflexões acerca do espaço representado pelo negro no texto literário. A ideia principal é colocar em prática as reflexões através de uma intervenção pedagógica, por meio da realização de diálogos em sala de aula, no Centro de Educação de Jovens e Adultos Professora Cecy Cialdini, anexo Centro Socioeducativo de Sobral, em Sobral – CE. Para a realização dos diálogos em sala de aula, usamos os livros “O cortiço” de Aluísio Azevedo e “Reinações de Narizinho” de Monteiro Lobato. Para embasamento de caráter teórico trabalhamos com BERND (1988), SOUZA (2016), MORAES (2013) entre outros. Esperamos contribuir para a efetivação de uma escola mais inclusiva e engajada com os papéis sociais e menos preconceituosa.

Palavras - chave: Texto literário; Negro; Estereótipos.

ABSTRACT

The present work has the objective of weaving reflections about the space represented by the black in the literary text. The main idea is to put into practice the reflections through a pedagogical intervention, through dialogues in the classroom, at the Center for Youth and Adult Education Professora Cecy Cialdini, annexed Centro Socioeducativo de Sobral, in Sobral - CE. To carry out the dialogues in the classroom, we used the books “O cortiço” by Aluísio Azevedo and “Reinações de Narizinho” by Monteiro Lobato. For theoretical basis, we worked with BERND (1988), SOUZA (2016), MORAES (2013) among others. We hope to contribute to the realization of a school that is more inclusive and engaged with social roles and less prejudiced.

Keywords: Literary text. Black. stereotypes.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 A AUTORA.....	8
3 JUSTIFICATIVA	9
4 OBJETIVOS	10
4.1 GERAL	10
4.2 ESPECÍFICOS	10
5 METODOLOGIA.....	10
6 PERSPECTIVAS EDUCACIONAIS E PEDAGÓGICAS QUE OFERECE O PROJETO DE INTERVENÇÃO	12
7 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
8 INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA: DIÁLOGOS	19
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
10 REFERÊNCIAS.....	35

1 INTRODUÇÃO

A literatura é uma das mais singelas expressões humanas. Aquela em que o homem se desnuda de todas as suas armaduras e demonstra seus sentimentos mais sublimes. É, por assim dizer, o local onde muitos momentos e realidades são demonstradas para diversos leitores, de forma engajada ou não.

Na escola, a literatura se apresenta, principalmente, como fonte de compreensão textual, isto é, em busca por aspectos técnicos (referimo-nos ao estudo dos descritores) ou gramaticais que serão cobrados em futuras avaliações. Daí surge a grande necessidade de discutir e entender a arte literária a partir de outros contextos.

Mas que vieses pode-se considerar? A ideia de desenvolvimento do trabalho é o de trabalhar a literatura se baseando na aplicação das leis 10.639/03 e 11.645/08, que alteram a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) tecendo reflexões acerca de vários aspectos relacionados à cultura negra, bem como o espaço ocupado pelos negros na literatura.

A lei 10.639/03 institui que nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares é obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira, incluindo o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. Já a lei 11.645/08, inclui na temática a cultura indígena, assim sendo, “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” na referida lei. Reconhece, portanto, o índio como ser importante na formação da cultura e identidade nacional.

Com isso, a ideia é trabalhar o texto literário de maneira interdisciplinar e intercultural, aliando literatura à componente de geografia, todavia por questões justificáveis relacionadas à pandemia, não foi possível executar como planejado. Assim, o objetivo era trabalhar o engajamento entre disciplinas, tornando a aprendizagem mais significativa. Mas o trabalho não ficou apenas no papel, realizamos a intervenção pedagógica no Centro Socioeducativo de Sobral, que é anexo do Centro de Educação de Jovens e Adultos Professora Cecy Cialdini, com discussões literárias sobre o papel do negro na literatura e também do aspecto intercultural.

Para melhor embasamento dos diálogos utiliza-se os livros “O cortiço” de Aluísio Azevedo e “Reinações de Narizinhos” de Monteiro Lobato. Na proposta havia alguns textos de Conceição Evaristo, todavia não foi executado com ênfase. Nos dois primeiros, é possível perceber que os negros

ocupam um lugar desprivilegiado, geralmente o de domésticas (ou seja, na cozinha), ao lado do patrão, nos lugares mais inóspitos ou mesmo em favelas com um mínimo de assistência. Vale ressaltar que as obras têm um contexto histórico e que deve ser observado, pois para a época era comum o tratamento dispensado aos personagens.

Além do engajamento entre disciplinas e a intercultura, o objetivo é também refletir sobre a influência na colonização, que alterou todo o cenário nacional em relação à cultura negra.

Para a implementar as discussões, tem como embasamento teórico obras literárias e teóricas que discorreram sobre o assunto como BERND (1988), SOUZA (2016), MORAES (2013), entre outros.

2 A AUTORA

Fiquei pensando como daria início ao relato do meu percurso de vida, pois as lembranças veem, mas insistem em se embaralhar. São lembranças que trazem anseios, vitórias, angústias e muita luta. Desde o início da vida estudantil tive o sonho de buscar um caminho diferente daquele que estava trilhando junto aos meus pais desde muito cedo (Antonio Rodrigues Rocha - *in memoriam* - e Raimunda Lopes do Nascimento), o de trabalhar na roça, acordando cedo e voltando antes do horário da escola, pois meu pai não me impedia de estudar.

No Ensino Fundamental já tinha o desejo de ser professora de geografia, todavia a ideia mudou por influência de um professor de Português que tive no Ensino Médio. Ele encantava a todos, embora fosse um pouco taciturno.

Com muito esforço consegui entrar para um cursinho preparatório para o vestibular em uma cidade no interior do Ceará, conhecida como Croatá da Serra, minha terra natal. A preparação foi durante alguns meses, de modo que me deslocava do interior onde residia e ia até a cidade. Com dedicação consegui lograr êxito, sendo aprovada no Curso de Letras pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, em Sobral, no Ceará.

Longe dos pais, a faculdade foi um grande desafio, mas era o meu sonho que estava se concretizando, o de ser a primeira da família a cursar nível superior. Felizmente logo comecei a trabalhar na minha área, dando aulas na Escola Ivonir Aguiar Dias de Ensino Fundamental. Lá foi o meu primeiro contato com a sala de aula e logo no início da graduação pensei por vezes em desistir, mas estar em contato com os meus alunos me fortalecia e a verdade é que gostava e gosto do que faço.

Tudo isso aconteceu entre o segundo semestre de julho de 2007 e o primeiro semestre de 2008. Período muito intenso e já com muitas vitórias a contar.

Depois de concluir a graduação em 2012, apenas continuei meu percurso profissional, lecionando no ensino fundamental da escola regular e na Educação de Jovens e Adultos no sistema prisional, espaço onde me sinto feliz e realizada.

3 JUSTIFICATIVA

O projeto surgiu mediante reflexões dos conteúdos curriculares estudados neste curso, Metodologias Interdisciplinares e Interculturais para o Ensino Fundamental e Médio. Além disso, o assunto sobre literatura vem como uma forma de reflexão sobre as diversas culturas e, em especial, sobre a cultura negra, aliando outras componentes curriculares.

Na graduação, estamos em processo de amadurecimento e algumas questões passam por nós despercebidas. Então aqui, tenho a oportunidade de trazer a literatura para a sala de aula de uma maneira mais engajada e principalmente mais inclusiva

Sou uma mulher branca, mãe de menina negra e o meu desejo é que mais estudos e reflexões sejam feitos pelos professores, como forma de romper desigualdades em virtude da cor da pele, por exemplo. E nada melhor que a leitura realizada na escola (ou fora dela) de forma reflexiva para que as crianças e jovens desmistifiquem algumas ideias tão arraigadas na sociedade, pois sabemos que a escola tem o poder de incluir e segregar.

Além disso, a temática em questão se faz importante no espaço em que foi aplicado, pois são menores que cometeram algum ato infracional e que possui uma grande quantidade de jovens negros que sofrem preconceito por sua condição social.

O espaço de aplicação do projeto não é convencional, em relação à sala de aula. Os alunos assistem aulas diariamente (exceto no dia de planejamento pedagógico dos professores), todavia são conduzidos por um socioeducador (colaborador na ressocialização dos adolescentes) até a sala de aula, que é fechada. Os professores ficam com os alunos, enquanto os socioeducadores prestam assistência na parte externa da sala.

A priori o projeto seria aplicado em outra instituição, mas por motivos de ordem burocrática tivemos que fazer uma alteração quanto ao espaço em que aconteceria a intervenção.

Portanto, o projeto é de grande importância, pois possibilita o conhecimento da lei 10.639/03 e da lei 11.645/08 de forma intercultural e interdisciplinar. Com isso tivemos a chance de discutir questões como respeito, aspectos sociais, estereótipos e outros feitos relacionados à cultura negra e o espaço ocupado pelos personagens negros em nossos textos literários.

4 OBJETIVOS

4.1 GERAL

- Trabalhar a representação do negro no texto literário, unindo interculturalidade e interdisciplinaridade.

4.2 ESPECÍFICOS

- Reconhecer a literatura como aliada nas discussões sobre cultura negra, espaços ocupados por negros e estereótipos, de forma interdisciplinar e intercultural;
- Entender conceitos literários, culturais, interculturais e interdisciplinares e trabalhá-los de forma reflexiva, a fim de romper preconceitos;
- Compreender o texto literário a partir de leituras e discussões pautadas na reflexão.

5 METODOLOGIA

A intervenção pedagógica aconteceu em turmas multisseriadas no Centro Socioeducativo de Sobral, com adolescentes entre 12 e 18 anos, turma I e J, no turno da tarde. A ideia era trabalhar de forma interdisciplinar com as disciplinas de Língua Portuguesa e geografia, buscando fazer reflexões acerca do tema. Todavia não foi possível a presença do professor de geografia, mas a proposta de interdisciplinaridade foi mantida, uma vez que trabalhamos vários aspectos históricos, geográficos, sociológicos e linguísticos, por exemplo.

A efetivação ocorreu a partir de leituras e discussões baseadas em textos literários e apontamentos da professora Antonia Noelia Lopes Rocha com base em teóricos. No caso do texto literário, realizou-se discussões a partir de trechos do livro “O cortiço” de Aluísio Azevedo e “Reinações de Narizinho” de Monteiro Lobato, seguindo a ideia do título de nosso trabalho, isto é, diálogos interdisciplinares e interculturais.

Para execução, de forma presencial (a ideia inicial era ser remota), seguiu-se um cronograma de aplicação: apresentação da temática, estudo do texto literário e não literário (teoria), contextualização da temática sobre os negros através de imagens, estudo literário de trechos das obras apresentadas e questionário sobre o assunto. Todas essas etapas foram seguidas, levando em consideração a participação efetiva de nossos alunos e suas contribuições.

Foram traçadas discussões sobre o espaço ocupado pelo negro no texto literário. A escolha da disciplina de geografia decorria da ideia de estudar o conceito de espaço, lugar e território e também de compreender o processo de colonização, entretanto não foi possível a

presença do professor de geografia. Nesta perspectiva, a professora realizou discussões enfatizando aspectos históricos, geográficos, sociológicos e linguísticos, mantendo assim a interdisciplinaridade, que consiste no engajamento de disciplinas.

O projeto foi executado no Centro Socioeducativo de Sobral -CSS, localizado na cidade de Sobral- Ceará, com as turmas multisseriadas I e J, no turno da tarde, com um total de nove alunos. O motivo da escolha foi a própria atuação na escola ao qual está ligado o Centro e pela percepção da necessidade de discussões acerca do texto literário, bem como do tema abordado. O Centro Socioeducativo de Sobral lida com adolescentes em conflito com a lei, portanto é de suma importância a aplicação do tema, tanto pelo fator social quanto pela grande diversidade que há neste tipo de instituição.

O Centro Socioeducativo atende alunos de diversos bairros de Sobral e também de regiões vizinhas. É um espaço de internação para adolescentes do sexo masculino, que cumprem entre seis meses e 03 anos de internação e que cometeram algum ato infracional, como traz a lei 8.069/90 – Estatuto da Criança e do adolescente.

A escola oferecida no CSS é um anexo do Centro de Educação de Jovens e Adultos Professora Cecy Cialdini - CEJA. O CEJA é uma importante instituição que prima pela qualidade da educação dos discentes, tendo uma política de ensino baseada na diversidade e na empatia.

No CSS, os alunos são atendidos diariamente. Além dos conteúdos da grade curricular, os alunos ainda fazem reflexões sobre temáticas definidas por projetos internos.

6 PERSPECTIVAS EDUCACIONAIS E PEDAGÓGICAS QUE OFERECE O PROJETO DE INTERVENÇÃO

O projeto oferece uma fonte de discussão que certamente muda a visão dos alunos em relação à representação do negro no texto literário.

A literatura está presente na sala de aula e como tal deve ser explorada, não apenas como suporte de compreensão de texto, mas também como forma de repensar ideologias e comportamentos, especialmente, como uma forma de romper preconceitos e discriminação.

Muitos indivíduos são segregados por conta da aparência e estereotipados, por isso são necessárias mais reflexões sobre alguns assuntos, como é o caso do papel exercido pelo negro na sociedade, desde o processo de colonização. Assim, os alunos tiveram uma ideia desse processo tão árduo, que foi a colonização dos povos e suas imbricações, compreendendo e desmistificando alguns conceitos em relação à cultura negra.

O texto literário contribui em demasia com essa compreensão é de grande relevância para os adolescentes que estão em medida de ressocialização perceberem como o negro é visto no meio social, uma vez que as pessoas privadas de liberdade são em sua grande maioria negras.

O Centro de Educação de Jovens e Adultos Professora Cecy Cialdini, ao qual o Centro socioeducativo é vinculado, oferece educação por meio da Secretaria de Educação do Estado do Ceará aos adolescentes em conflito com a lei, além de pessoas privadas de liberdade em uma penitenciária local. Nesses dois ambientes, percebe-se uma grande quantidade de negros, que é uma das problemáticas sociais do Brasil.

Sales (2013, p.3) elucida que

o Brasil acompanha uma tendência mundial de encarceramento, em maioria, de jovens, pobres, negros, todos com baixíssima escolaridade. Este é o perfil dos presos brasileiros, conforme dados consolidados, mais recentes, divulgados pelo Sistema Integrado de Informações Penitenciárias do Ministério da Justiça (InFoPen), referente ao primeiro semestre de 2012. O país passou a ter 549.577 presos, sendo que desses aproximadamente 51% são jovens entre 18 e 29 anos, 60% são pretos ou pardos, 45% não concluíram o ensino fundamental, 13% são alfabetizados e 6% são analfabetos.

Vargas (2020, p.2) defende que “as prisões no país se reafirmam, ano a ano, como um lugar para negros. No Brasil, se prende cada vez mais; no entanto, sobretudo, cada vez mais pessoas negras. Existe, dessa forma, forte desigualdade racial no sistema prisional, materializada não somente nos números e dados apresentados, como pode também ser percebida concretamente na maior severidade de tratamento e sanções punitivas direcionadas

aos negros. Aliadas a isso, as chances diferenciais e restritas aos negros na sociedade, associadas às condições de pobreza que enfrentam no cotidiano, fazem com que se tornem os alvos preferenciais das políticas de extermínio e encarceramento do país”.

Portanto, o projeto e as discussões são de suma importância para que haja mais reflexão sobre o papel ocupado pelo negro na sociedade e como o ocupa no texto literário. As discussões abrem horizontes e é uma forma de romper preconceitos.

Além disso, as discussões estão de acordo com o Projeto Político Pedagógico (doravante PPP) da escola que traz a ideia da diversidade e do respeito, pois trabalha com um grande público, de Sobral e regiões vizinhas. Em seus objetivos (objetivo 3) preceitua que devemos “Possibilitar a participação em trabalhos sociais e políticos, assim como o exercício de direitos e deveres, adotando atitudes de solidariedade, repúdio às injustiças e respeito as diversidades culturais e religiosas”. Portanto, observamos que a escola tem um viés de respeito a diversidade cultural.

Em seu documento afirma que:

Com os avanços dessas experiências, surgiu uma visão pedagógica que incorporava a cultura e a realidade local como conteúdo metodológico e ou ponto de partida à prática pedagógica da Educação de Jovens e Adultos, como forma de garantir o acesso à cultura letrada, possibilitando uma participação mais ativa no mundo do trabalho, da sociedade econômica, da educação e da cultura. (2019, p. 7)

A escola privilegia a cultura e os conhecimentos prévios dos alunos, oriundos de suas vivências e segundo o PPP:

Todos os jovens e adultos que integram a EJA participam da sociedade como cidadãos e, portanto, trazem em sua bagagem conhecimentos e saberes culturais que podem se tornar aliados ou pontes para se estabelecer relações com os conteúdos a serem trabalhados e o uso que posteriormente será colocado em prática em questões valorizando sua autonomia enquanto cidadão atuante em sua comunidade. (2019, p. 7)

.....

1 Identificar e valorizar os conhecimentos científicos e históricos local, regional e brasileiro, bem com aspectos socioculturais de outros povos e nações. (2019, p. 23).

Ainda convém ressaltar que

Acreditando que nosso trabalho não pode ser isolado, por isso propomos estabelecer parcerias com outras instituições, afim de que a educação seja entendida dentro de uma perspectiva multidisciplinar, ou seja, permeie todas as camadas e níveis de preocupação, para possibilitar a percepção que o processo educacional não se reduz

apenas a escola, está por excelência um espaço onde a cultura é uma atividade constante, mais que este processo está também em uma atividade social que se estabelece nos diferentes estágios da vida. (2019, p.12)

Assim, percebemos a importância do projeto, bem como da intervenção pedagógica, que certamente serve de reflexões e impacta nas ideias arraigadas pela sociedade em relação aos negros.

7 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Em 2003 foi sancionada a lei 10.649, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB, incluindo no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da presença da temática “História e Cultura Afro- Brasileira e Africana”. Essa conquista veio a partir de muitas lutas de movimentos negros no Brasil.

Tal viés legal traz o pensamento de trabalhar no campo literário o espaço em que os negros ocupam nos textos literários. Infelizmente, os negros, geralmente, ocupam espaços estereotipados e já conhecidos por muitos, tornando-se necessário tecer algumas reflexões sobre o assunto, a fim de mostrar aos alunos o outro lado da história.

A cultura do ocidente é tida como a dominante. Mas se faz necessário um novo olhar, novas reflexões. Há uma cultura superior? A ideia da colonização traz que a cultura do ocidente é superior, imponente, formal. Com isso a cultura negra foi abordada de maneira inferior.

Segundo Gomes (2012) tal processo resultou na hegemonia de um conhecimento em detrimento de outro e a instauração de um imaginário que vê de forma hierarquizada e inferior as culturas, povos e grupos étnico-raciais que estão fora do paradigma considerado civilizado e culto, a saber, o eixo do Ocidente, ou o “Norte” colonial.

É nesse aspecto que devem haver discussões e leituras para que aconteça o que chamamos de descolonização do currículo, isto é, tratar diversas culturas de formas recíprocas, sem que se tenha um colonizado e um colonizador, isto é, a ideia de hierarquização, ou mesmo hegemonia. É necessário que os conhecimentos sejam postos no currículo escolar com um olhar de igualdade, contemplando outras visões de mundo e ciências.

Inicialmente, vem a indagação: é possível trabalhar o espaço no campo geográfico aliada à literatura de forma interdisciplinar e intercultural? É importante conhecer tais conceitos, pois mesmo não tendo a presença do professor de geografia, conforme planejado, o aspecto interdisciplinar foi mantido.

Primeiro é necessário compreender alguns conceitos: cultura, intercultura e interdisciplinaridade.

São palavras que precisam fazer parte do repertório do professor do século XXI, pois são fatores que podem contribuir para uma formação discente mais significativa, onde os conhecimentos prévios e suas crenças sejam valorizados e levados em consideração nas diferentes componentes curriculares. Além disso desmistificar alguns estigmas sociais carregados pela população acerca dos locais que os negros devem ocupar.

Há várias definições para a palavra cultura. Para D'Ambrósio (2005) uma cultura é identificada pelos seus sistemas de explicações, filosofias, teorias e ações e pelos comportamentos cotidianos. Tudo isso se apoia em processos de comunicação, de representações, de classificação, de comparação, de quantificação, de contagem, de medição, de inferências.

A interdisciplinaridade é a articulação dos conhecimentos tradicionais de forma conjunta com as demais disciplinas, sem fragmentação do conhecimento. Já a intercultura está associada as diferentes relações entre culturas.

Já a geografia é concebida como uma ciência capaz de compreender o espaço geográfico com base em diversos aspectos. Para Corrêa (2000), a geografia como ciência social tem como objeto de estudo a sociedade que, no entanto, é objetivada via cinco conceitos-chave que guardam em si forte grau de parentesco, pois todos se referem à ação humana modelando a superfície terrestre: paisagem, região, espaço, lugar e território.

Na verdade, não há uma definição precisa para o espaço, no campo geográfico. Para Moreira (1982) o espaço geográfico como estrutura de relações sob determinação do social; é a sociedade vista com sua expressão material visível, através da socialização da natureza pelo trabalho.

Em nossa abordagem pensamos o espaço como lugar ocupado por alguém. No caso, o espaço ocupado pelos personagens negros no texto literário.

Nas narrativas em que o negro é apresentado, geralmente, aparecem como figuras estereotipadas, que carregam estigmas: seja a mulata sensual, a empregada, a criada, o negro fiel, escravizado entre outras especificações, demonstrando a perpetuação de uma discriminação que surgiu há anos. E ainda que ocupam lugares menos favorecidos e com menos assistência, como é o caso de algumas favelas na vida real.

Todavia, vale ressaltar o contexto histórico em que as narrativas foram concebidas. “O cortiço”, obra naturalista de Aluísio Azevedo, se passa no século XIX e retrata a vida simples de pessoas que vivem no cortiço de João Romão. Apresenta 23 capítulos e o próprio cortiço se

torna o personagem principal. Já “Reinações de Narizinho” de Monteiro Lobato foi lançado no início do século XX, sendo, portanto, necessário a contextualização no momento de concepção da obra, pois para os leitores da atualidade o modo como o narrador se dirige a Tia Nastácia, causa estranhamento, chamando-a sempre por “negra”.

Outras obras também fazem representações dos negros. Chiavenato (1999) cita o livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas* na construção do personagem Brás Cubas, enfatizando a questão do negro que era escravizado desde a infância

Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de “menino diabo”; e verdadeiramente não era outra coisa; fui dos mais malignos do meu tempo, arguto, indiscreto, traquinas e voluntarioso. Por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher do doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, deitei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui dizer à minha mãe que a escrava é que estragara o doce “por pirraça”; e eu tinha apenas seis anos. Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, — algumas vezes gemendo, — mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um — “ai, nhonhô!” — ao que eu retorquia: — “Cala a boca, besta!” (p. 53)

Alguns trechos apresentam estereótipos. A personagem Rita Baiana na obra “O cortiço” traz o estereótipo da mulata sensual, até mesmo da objetificação da mulher, como se pode ver na descrição do livro.

E viu a Rita Baiana, que fora trocar o vestido por uma saia, surgir de ombros e braços nus, para dançar. A lua destoldara-se nesse momento, envolvendo-a na sua cama de prata, a cujo refulgir os meneios da mestiça melhor se acentuavam, cheios de uma graça irresistível, simples, primitiva, feita toda de pecado, toda de paraíso, com muito de serpente e muito de mulher. Ela saltou em meio da roda, com os braços na cintura, rebolando as ilhargas e bamboleando a cabeça, ora para a esquerda, ora para a direita, como numa sofreguidão de gozo carnal num requebrado luxurioso que a punha ofegante; já correndo de barriga empinada; já recuando de braços estendidos, a tremer toda, como se se fosse afundando num prazer grosso que nem azeite, em que se não toma pé e nunca se encontra fundo. (2019, p. 35)

A representação aparece atrelada à sensualidade, ao prazer, caracterizando-se como um estereótipo do corpo negro. Além de abordar o espaço ocupado, o de estar em meio aos homens e de sensualizar, como também aparece em outras partes do texto. Todavia, alguns autores também trazem essa sensualidade da mulher, a exemplo de José de Alencar.

Aliás, o corpo negro carrega uma carga que surgiu logo no início da colonização, onde vários negros serviram como objetos mercantis. Segundo Souza (2016) “o corpo é um elemento central da representação social da raça e do gênero que, geralmente, produz uma percepção estereotipada e calcada numa cisão entre superioridade e inferioridade”.

Segundo Ratts (2004a) citado por Souza (2016, p.10), a corporeidade assume importância nas marcas espaciais, além das formas arquitetônicas e paisagísticas. O ser humano molda o espaço, imprime sua marca nele e sofre suas influências. O corpo negro no Brasil colonial foi altamente explorado e dominado, o que configurou uma representação negativa presente nos dias de hoje ligada a uma noção de inferioridade, subalternização e promiscuidade. Até mesmo a referência aos espaços públicos como a rua esteve relacionada à corporeidade negra, à malandragem e à marginalidade e continuou mantendo uma analogia entre a desordem e a presença negra nos espaços públicos.

Com isso percebe-se que muitos textos literários trazem esse aspecto negativo acerca do negro no texto literário.

Na obra acima citada ainda temos a personagem Bertoleza, que aparece com o estereótipo de servidão e chega até ser animalizada. Descrita em um espaço sujo, caracterizando-a como um ser inferior e desprivilegiado.

“Reconheceu logo o filho mais velho do seu primitivo senhor, e um calafrio percorreu-lhe o corpo” (2019, p.130)

.....
 “- É esta! disse aos soldados que, com um gesto, intimaram a desgraçada a segui-los. - Prendam-na! É escrava minha! A negra, imóvel, cercada de escamas e tripas de peixe, com uma das mãos espalmada no chão e com a outra segurando a faca de cozinha, olhou aterrada para eles, sem pestanejar. Os policiais, vendo que ela se não despachava, desembainharam os sabres. Bertoleza então, erguendo-se com ímpeto de anta bravaria, recuou de um salto e, antes que alguém conseguisse alcançá-la, já de um só golpe certo e fundo rasgara o ventre de lado a lado. E depois embarcou para a frente, rugindo e esfocinando moribunda numa lameira de sangue. João Romão fugira até ao canto mais escuro do armazém, tapando o rosto com as mãos. Nesse momento parava à porta da rua uma carruagem. Era uma comissão de abolicionistas que vinha, de casaca, trazer-lhe respeitosamente o diploma de sócio benemérito. Ele mandou que os conduzissem para a sala de visitas”. (2019, p. 130)

O espaço ocupado pelos negros nas narrativas, no campo geográfico está relacionado à falta de privilégios, o local de origem, a favela, os empregos que não são tão bem pagos, por exemplo. Segundo Chiavenato (1999) para se justificar política e moralmente, o escravismo gerou uma ideologia fundamentada na redução do negro à condição de “ser inferior”. Essa postura conferia às classes dominantes o “direito ético” de usar o negro sem considerar sua condição humana.

Para incrementar, um trecho do livro “Reinações de Narizinho” de Monteiro Lobato:

“Na casa ainda existem duas pessoas — tia Nastácia, negra de estimação que carregou Lúcia em pequena, e Emília, uma boneca de pano bastante desajeitada de corpo. Emília foi feita por tia Nastácia, com olhos de retrós preto e sobranceiras tão lá em cima que é ver uma bruxa. Apesar disso Narizinho gosta muito dela; não almoça nem

janta sem a ter ao lado, nem se deita sem primeiro acomodá-la numa redinha entre dois pés de cadeira”. (2014, p.2)

.....

— Apareça lá no sítio de vovó, senhor Fura-Bolos. Tia Nastácia faz bolinhos muitos bons para serem furados. Vá morar comigo, em ar essa vida idiota de bobo da corte. Você não dá para isso. (2014, p.10)

.....

— Corra, Nastácia! Venha ver este fenômeno... A negra apareceu na sala, enxugando as mãos no avental. (2014, p.19)

Percebe-se a partir dos trechos, o espaço ocupado pela personagem Nastácia, o da servidão, da empregada doméstica e negra fiel. A forma como o narrador se reporta a ela, também é característica, não a chama pelo nome, apenas por “a negra”.

Convém ressaltar que, ao passo que muitos autores apenas trazem os negros como estereótipos, a autora Conceição Evaristo trabalha a temática afro como forma de denúncia e também de valorização da cultura negra. A autora luta pela valorização negra no país. No conto “Olhos d’água” é possível visualizar a figura feminina, preta, com filhos para sustentar e que precisa trabalhar pesado. O que não é diferente de muitas realidades de pessoas negras no Brasil.

Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas, eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face? E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d’água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum. (2018, p. 18)

É possível também fazer uma reflexão sobre a cultura africana, enfatizando a interculturalidade. No texto há a presença de elementos oriundos de religiões de matriz africana. As expressões culturais africanas são fruto da chegada dos africanos ao Brasil para a servidão e como forma de preservar as suas raízes continuaram praticando suas crenças.

Nessa vertente, Conceição Evaristo assumiu o papel de defender a cultura afro, mas especificamente a literatura afro-brasileira. Em outros textos faz uma verdadeira defesa da cultura negra, o que sem dúvida deve ser trabalhado em sala de aula, enfatizando o respeito pelas diversas culturas e sua influência no ocidente.

Segundo BERND (1998) a Literatura negra brasileira, também conhecida por Literatura afro-brasileira, e que pode ser definida como sendo aquela onde emerge uma consciência negra, ou seja, onde um "eu" enunciador assume uma identidade negra, buscando recuperar as raízes da cultura afro-brasileira e preocupando-se em protestar contra o racismo e o preconceito de

que é vítima até hoje a comunidade negra brasileira, apesar de passados mais de cem anos da Abolição da escravatura.

Desta forma é possível compreender como o negro era apresentado no texto literário e que mesmo sendo em um contexto diferente, é necessário reflexões pois, infelizmente, ainda há uma grande carga de preconceito na sociedade.

8 INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA: DIÁLOGOS

A proposta de intervenção pedagógica aconteceu no Centro Socioeducativo de Sobral - CSS, anexo do Centro de Educação de Jovens e Adultos Professora Cecy Cialdini -CEJA, situados em Sobral - CE. O CSS recebe adolescentes em conflito com a lei de várias cidades vizinhas e da Sede. Já o CEJA de Sobral, oferta o Ensino Fundamental para pessoas a partir de 15 anos de idade e Ensino Médio para pessoas a partir de 18 anos, de Sobral e cidades vizinhas. É, portanto, um espaço que oferece oportunidade para aqueles que não concluíram a escolaridade na idade certa, conforme a lei.

A unidade socioeducativa foi inaugurada em 2018 para atender adolescentes em conflito com a lei entre 12 e 18 anos de idade. O espaço oferece diversas atividades, entre elas a escola, cursos profissionalizantes de várias modalidades e atividades recreativas. As atividades são importantes para os adolescentes, pois oferecem oportunidades e é uma maneira de adesão ao mercado de trabalho ao cumprir o tempo determinado, conforme o ato infracional cometido.

Fotografia 1 - do Centro Socioeducativo de Sobral - CSS



Fonte: ceara.gov.br (2018)

A atividade de intervenção pedagógica aconteceu com as turmas I e J, no período da tarde, no mês de dezembro de 2021, no momento da aula da professora Antonia Noelia Lopes Rocha, não necessitando de horário extra. No total, participaram nove adolescentes em medida socioeducativa, que por sua idade e condição de internamento não se pode exibir imagens que contenham suas fisionomias, preservando suas identidades. Para que a intervenção acontecesse foram trabalhados os livros propostos no projeto (O cortiço, Reinações de Narizinho), salvo o livro de Conceição Evaristo, que por conta do tempo não foi possível abordar com ênfase.

Os diálogos aconteceram de forma semanal, sendo dividido em momentos, conforme será detalhado adiante. Por se tratar de diálogos, os alunos se expressaram e interagiram, citando suas vivências e conhecimentos sobre o assunto, o que se tornou muito proveitoso e não se tornou maçante, pois surgiram diversos assuntos interessantes em torno da temática.

A princípio a proposta iria contemplar um estudo mais aprofundado da literatura com o espaço geográfico, isto é, um professor de geografia faria uma colaboração, todavia em virtude da pandemia, o projeto não pôde ser executado conforme havíamos planejado.

Caso ainda tivesse no ensino remoto, o projeto teria sido executado em sua completude, pois se tornaria mais viável que um professor de geografia ajudasse nesse viés geográfico. Ressaltamos que a pandemia deixou um rastro de incertezas em nossas vidas e algumas ações precisaram ser repensadas ou mesmo adiadas, como foi o nosso caso, algumas ações foram revistas.

Para iniciar, foi necessário um cronograma de execução do projeto, o que facilitou a desenvoltura e melhor encadeamento de ideias.

O primeiro passo foi a apresentação do projeto aos alunos. Nesse momento falou-se um pouco sobre a graduação até chegar o processo final. Essa ocasião foi importante, pois muitos

alunos não sabiam a diferença entre curso técnico e curso superior e como o trabalho aconteceu num ambiente de adolescentes em conflito com a lei, isso favoreceu um diálogo sobre perspectivas de futuro.

Muitos adolescentes fazem cursos na instituição, então quando se pediu que citassem cursos de nível superior muitos mencionaram o curso de pizzas que haviam realizado e até curso de cabelereiro, tornando-se propício para o esclarecimento da diferença entre os dois.

Toda nossa atividade foi pautada na expressão dos participantes, pois a instituição enfatiza a ideia de socialização entre os alunos, de forma que opinem e se expressem, como apregoa o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/90), afirmando que “Art. 16. O direito à liberdade compreende os seguintes aspectos: II - opinião e expressão”.

O segundo passo foi trabalhar o texto literário e não literário, trazendo seus conceitos e aprofundando através de exemplos, sendo utilizado poemas, contos, trechos de romance entre outros. Explicou-se a diferença entre as duas modalidades, mostrando suas particularidades, usando também conceitos expostos em cartazes.

O texto literário, parafraseando Régis (2001), é um esforço individual, mais intuitivo e se faz de modo a evocar os sentimentos da situação humana. É, portanto, um espaço de subjetividades, de múltiplos significados e de ficção.

Já para Bohr *apud* Régis (2001), a literatura é a relembração constante das harmonias encontradas ou perdidas, porque é a capacitação mais lícita de nossa experiência de conhecimento, sem se submeter a nenhum parâmetro sistemático de verdade.

Segundo Silva e Soares (2014) o indivíduo precisa da literatura para viver melhor, para ser feliz, pois ela o ajuda no entendimento de seus próprios sentimentos e, por conseguinte, na compreensão do outro ser humano.

Assim, o texto literário difere do texto não literário na medida em que este emprega a informação, o cientificismo, diferente do texto literário que não possui amarras no sentido de provar, mas de trazer outros sentimentos que não verdades absolutas.

Com isso, realizou-se um trabalho de recorte e colagem, verificando assim se os alunos compreenderam a diferença entre os dois. Foram entregues os livros e eles realizaram cartazes com textos literários e não literários. No decorrer, algumas dúvidas foram surgindo, até mesmo pela constante falta de leitura dos alunos, mas no geral foi produtivo e até saímos das atividades tradicionais.

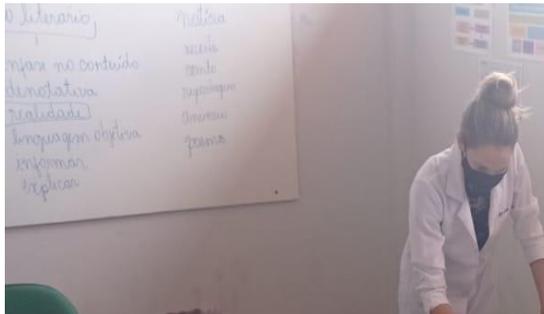
O recorte e colagem também se configura como uma forma de trabalhar o conhecimento, a criatividade e até a autonomia do aluno.

Fotografia 2: Atividades de recorte e colagem com o texto literário e não literário



Fonte: Antonia Noelia Lopes Rocha (2021)

Fotografia 3: Atividades de recorte e colagem com o texto literário e não literário



Fonte: Antonia Noelia Lopes Rocha (2021)

O terceiro passo da intervenção foi explicar os conceitos de interculturalidade e interdisciplinaridade, para poder adentrar efetivamente ao assunto proposto. Para isso, levou-se cartazes explicativos para discussão, que foi de grande importância, pois os alunos deram muitas contribuições, inclusive citaram músicas de matriz africana, bem como falaram da capoeira. Todavia não conheciam as duas palavras apresentadas, portanto a partir disso a explicação dos conceitos foi essencial, partindo do conceito de cultura.

Para melhor compreensão, explicou-se o que era cultura e assim citou-se como exemplo a religião. O que chamou a atenção foi o conhecimento sobre as músicas de matriz africana, mas que evitam fazer menção por medo de algo ruim acontecer, algo que possa prejudicar suas vidas, pois conhecem a tradição como algo obscuro. Um aluno, inclusive cantou o trecho da música de domínio público “Boa noite” cantada pelo grupo Berimbrown. A saber:

Boa noite, pra quem é de boa noite
 Bom dia, pra quem é de bom dia
 A bênção, meu pai a bênção
 Maculelê é o rei da valentia
 Maculelê de onde é que veio
 Eu vim de Angola ê
 Mestre Popó de onde é que veio

Eu vim de Angola ê
 E o atabaque de onde é que veio
 Eu vim de angola ê
 E o agogô de onde é que veio
 Eu vim de Angola ê
 Tindolelê, Auê Cauiza
 Tindolelê é sangue real
 Meu pai é filho, eu sou neto de Aruanda
 Tindolelê, Auê Cauiza
 Ô boa noite, pra quem é de boa noite
 (boa noite pra quem é de boa noite)
 Ô bom dia, pra quem é de bom dia
 (bom dia pa quem é de bom dia)

Enquanto o aluno fazia menção à música, o colega ao lado até fazia o próprio benzimento do corpo, tecendo comentários a respeito da divindade Exu e demais entidades oriundas de religiões de matriz africana, afirmando, nas palavras do adolescente “Tá repreendido, sai pra lá coisa ruim”. Nos comentários ouvidos, percebeu-se que a cultura disseminada sobre a religião e as músicas de matriz africana é de todo negativa, por falta de conhecimento sobre o assunto. Nesse aspecto, é necessário que haja mais engajamento cultural e mais discussões em torno do assunto, de modo que haja a descolonização do currículo e a escola possa ser um espaço de liberdade e respeito às minorias.

Gomes (2012) elucida que

“Descolonizar os currículos é mais um desafio para a educação escolar. Muito já denunciamos sobre a rigidez das grades curriculares, o empobrecimento do caráter conteudista dos currículos, a necessidade de diálogo entre escola, currículo e realidade social, a necessidade de formar professores e professoras reflexivos e sobre as culturas negadas e silenciadas nos currículos”.

Ressalta-se que não se levantou bandeira sobre qualquer religião como mais importante, mas sim discussões sobre o respeito às diversas religiões e até os mitos carregados por expressões como a Umbanda e o Candomblé, procurando romper preconceitos. Discutir o respeito e a diversidade está pautado na BNCC (2017) ao afirmar que se deve

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento

e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. (p. 10)

A entidade Exu, por exemplo, revendo o que foi mencionado anteriormente, sofreu uma denominação diferente conforme as religiões judaico-cristãs, de tal forma que sua identidade de dinamizador da existência humana se transformou numa criatura maligna e diabólica. É possível ver isso em Prandi (2001)

Assim, os escritos de viajantes, missionários e outros observadores que estiveram em território fô ou iorubá entre os séculos XVIII e XIX, todos eles de cultura cristã, quando não cristãos de profissão, descreveram Exu sempre ressaltando aqueles aspectos que o mostravam, aos olhos ocidentais, como entidade destacadamente sexualizada e demoníaca. (p.47)

Com isso, percebe-se o quanto o fator cultural ainda é motivo de preconceito e carece de ser trabalhado na escola, enfatizando a questão do respeito aos aspectos culturais. Neste momento foi a hora propícia para falar sobre a lei 10.639/2003 e a lei 11.645/08, que alteram a lei 9.394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação). O artigo acrescentado a LDB assegura que "Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".

A lei 10.639/03 é conquista de muitas lutas de movimentos sociais, especialmente do Movimento Negro. O parágrafo primeiro da lei assegura que "o conteúdo programático a que se refere o *caput* deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil". Acrescenta-se em 2008 mais uma alteração à LDB, referente à lei 11.645, que inclui a temática "Indígena" ao dispositivo. Assim, falar com os alunos sobre a lei foi uma forma de falar também de preconceito e discriminação, que ainda existem na sociedade.

O momento ainda proporcionou muitas discussões, de forma que outros assuntos foram surgindo, relacionados à cultura, inclusive um aluno citou a leitura do livro "As aventuras de Tibicuera" de Érico Veríssimo, que narra a história de Tibicuera, um índio nascido antes da "descoberta" do Brasil. Tal menção foi importante para discutir sobre as minorias, do processo de colonização e do eurocentrismo que permeia os currículos escolares.

Além de mencionar o livro supracitado surgiu na discussão até mesmo séries e novelas televisivas que os adolescentes acompanham em momentos de lazer, a exemplo da série "Passaporte para a Liberdade", até muita recomendada por eles. Ainda falaram sobre a novela "Tempos do Imperador", remixada pela TV Globo. Durante a discussão deixou-se fluir os

pensamentos dos adolescentes, pois como bem observamos o trabalho está pautado no diálogo, como bem titula este texto, portanto, a participação dos alunos se fazia necessária.

A partir dos apontamentos percebeu-se que os alunos se envolviam e conseguiam compreender a proposta lançada.

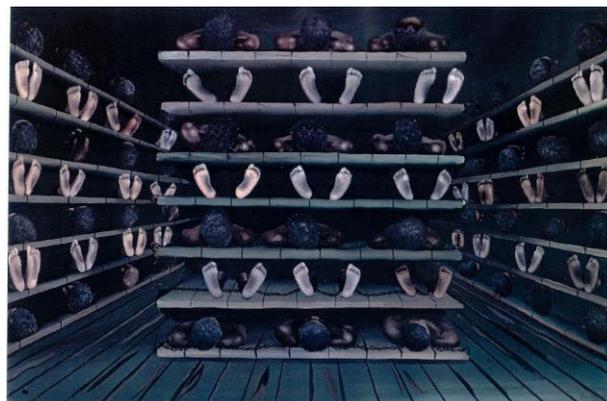
O próximo passo foi situá-los sobre a situação da condição escravagista que dá base a história do Brasil, de maneira negativa, infelizmente. Para isso, levou-se imagens impactantes para que os alunos anotassem o que percebiam e isso foi interessante, pois a percepção dos alunos era diferente em relação ao conteúdo exposto.

Figura 1: Interior de um navio negreiro, pintura do artista alemão Johann Moritz Rugendas. (aprox. 1830).



Fonte: Infoescola

Figura 2: Transporte de negros em navios tumbeiros



Fonte: Conhecimento científico (2019)

Os discentes observaram as imagens com atenção e a partir disso as discussões foram acontecendo sobre a condição de escravidão em que viviam, a começar pela sua vinda ao Brasil nos chamados navios tumbeiros. Chiavenato (1999) elucida que

a crônica da época é rica sobre o transporte negreiro. No começo do tráfico predominavam navios pequenos e mal construídos, com a pior marujada portuguesa. Viajando em condições precárias de higiene e alimentação, os africanos contraíam moléstias que logo se transformavam em epidemias. Autores da época contam que os negros, amontoados em porões infectos – onde não entrava luz -, tinha que defecar no lugar em que estivessem: no geral era impossível mover-se. Viajavam durante os 120 dias das primeiras travessias e os 20 ou 30 das últimas (século XVI ao XIX), sentados ou deitados em cima de fezes, urina e vômitos. (p. 42)

Na primeira imagem os alunos apontaram que “É um navio e eles tão descansando”, dado o amontoado de pessoas pelo chão. Propuseram ainda que “os brancos eram minoria e são pessoas escravizadas, sofrendo”.

Na segunda imagem viram já a condição de servidão, de escravização e que estavam sob tortura e na terceira imagem mencionaram “parecem que estão mortos”, “deve ser cruel ser escravo e ter que aguentar toda essa escravidão”, “são os negros mortos”.

Com as imagens adentrou-se na discussão sobre servidão e escravidão, assunto que ainda merece muito ser discutido em sala de aula. E como estava próximo ao dia 20 de novembro, Dia da Consciência Negra, optou-se por falar sobre o assunto, não por puro folclorismo, mas por entender-se persistente a temática e a associação com o tema do trabalho e o momento.

Fotografia 4: Produção de cartazes sobre o dia da Consciência Negra



Fonte: Antonia Noélia Lopes Rocha (2021)

O penúltimo passo foi trabalhar realmente o texto literário. Para isso usou-se o livro “O cortiço” de Aloísio Azevedo. Obra naturalista que narra a história de João Romão, personagem com ambições desmedidas e outros personagens com traços comuns que fazem da narrativa um texto de fácil leitura e compreensão. O autor consegue transmitir o aspecto intercultural na obra, bem como um posicionamento estereotipado das personagens negras, como, por exemplo, Bertoleza, considerada como uma negra de estimação (a qual nos debruça-se com mais ênfase), Rita Baiana, Firmo entre outros.

O Cortiço de Azevedo traz uma habitação coletiva em que predomina os mais variados tipos sociais, desde o aristocrata, que deseja crescer à custa dos demais habitantes até a lavadeira de roupa, que busca o sustento de sua família. Um lugar de alegrias, confusões, adultérios e uma infinidade de ações que o fazem a obra ser naturalista. Gadzekpo (2010, p.2) apresenta a instalação como

o retrato da habitação coletiva, viveiro de misérias e vícios, atoleiro moral em que abundavam brigas feias, adultério, promiscuidade, assassinato, e também fervor humano, festividade sem fim e solidariedade por interesse comum. Mas também é, no seu pormenor científico à Zola, uma análise patológica da burguesia decadente da segunda metade do século XIX. O elemento português, representado por João Romão (o protagonista), Miranda, Jerônimo e outros imigrantes de menor relevo, surge em contraposição ao elemento brasileiro, indígena, cujos membros são a maioria daquele povaréu do cortiço, mas cujo epítome autêntico é a Rita Baiana. A oposição português-brasileiro é apenas um dos eixos conflitivos do romance. Estruturalmente, distinguimos uma oposição cortiço-sobrado, um tipo de antítese casa-grande-e-senzala, demarcando as camadas sociais mais inferiorizadas, por uma parte, e as elites burguesas com pretensões aristocratizantes.

Também se trabalhou com o livro “Reinações de Narizinho” de Monteiro Lobato. A narrativa traz as aventuras de Lúcia, conhecida como Narizinho por possuir o nariz arrebitado, sua boneca Emília, Pedrinho, Dona Benta e outros personagens como a Tia Nastácia, que é apresentada como negra de estimação.

Para dar continuidade ao trabalho, levou-se trechos da obra para análise e discussão, assim, os alunos liam e faziam apontamentos sobre suas percepções em relação ao que viam, buscando o entendimento do papel desempenhado pelos negros no texto literário. Antes de apresentar os trechos falou-se sobre a obra no geral: resumo, autor e personagens, o que causou o interesse, especialmente pelo livro de Aluísio Azevedo. Quiseram saber todos os detalhes e o desfecho causou indignação nos adolescentes.

A seguir, os trechos trabalhados do livro “O cortiço” e os apontamentos dos adolescentes:

“A escrava passara naturalmente em herança a qualquer dos filhos do morto” (2019, p.9).

Nesta pequena passagem a personagem Bertoleza, escrava que vivia ao lado do ambicioso João Romão, enganada por ele, acreditando ser uma negra livre, é repassada como um objeto, um bem. Neste momento precisou-se fazer apontamentos sobre o significado de herança para que os alunos pudessem compreender o trecho e seu significado.

Muitos personagens negros são apresentados no texto literário de forma estereotipada. Explicou-se aos alunos o que era estereótipo, sendo, portanto, uma palavra nova para eles. Assim, expôs-se alguns exemplos para que firmassem melhor o conteúdo:

Bertoleza: criada e amante (nesse papel de amante até foi mencionado o ditado popular “não sou tuas negas, não”).

“Bertoleza representava agora ao lado de João Romão papel tríplice de caixeiro, de criada e de amante. Mourejava a valer, mas de cara alegre; às quatro da madrugada estava na faina de todos os dias, aviando o café para os fregueses e preparando o almoço [...] (2019, p. 9)

Na verdade, para João Romão era uma negra servil e depois de certo tempo a considerava imunda, a que repugnava veementemente:

“Diabo! E não poder arredar logo da vida aquele ponto negro; apagá-lo rapidamente, como quem tira da pele uma nódoa de lama! Que raiva ter de reunir aos voos mais fulguerosos da sua ambição a ideia mesquinha e ridícula daquela inconfessável concubinação! E não podia deixar de pensar no demônio da negra, porque a maldita ali estava perto, a rondá-lo ameaçadora e sombria; ali estava como o documento vivo das suas misérias, já passadas, mas ainda palpitantes. Bertoleza devia ser esmagada, devia ser suprimida, porque era tudo que havia de mau na vida dele! Seria um crime conservá-la a seu lado! Ela era o torpe balcão da primitiva bodega; era o aladroadado vintenzinho de manteiga em papel pardo; era o peixe trazido da praia e vendido à noite ao lado do fogareiro à porta da taberna; era o frege imundo e a lista cantada das comezainas à portuguesa; era o sono roncado num colchão fétido, cheio de bichos; ela era a sua cúmplice e era todo seu mal - devia, pois, extinguir-se!” (p. 119)

Paula: representava a negra curandeira, feiticeira:

“Seguia-se a Paula, uma cabocla velha, meio idiota, a quem respeitavam todos pelas virtudes de que só ela dispunha para benzer erisipelas e cortar febres por meio de rezas e feitiçarias. Era extremamente feia, grossa, triste, com olhos desvairados, dentes cortados à navalha, formando ponta, como dentes de cão, cabelos lisos, escorridos e ainda retintos apesar da idade. Chamavam-lhe “Bruxa”. (2012, p. 31)

Muitos preconceitos são propagados em torno dos negros que realizam algum tipo de cura, seja em forma de chás, seja por rezas, dando-lhes a alcunha de feitiçaria. Observando-se, muitas pessoas já devem ter usado alguns desses recursos, especialmente quando as mães levam seus filhos para benzer, porque está com quebranto ou alguma moléstia. Esses conhecimentos são não científicos, mas fazem parte da vida em comunidade, logo, precisam ser respeitados e fazem parte da cultura de um povo.

Florinda, filha de Marciana (é caracterizada como mulata séria e asseada em exagero): a negra sensual: “A filha tinha quinze anos, a pele de um moreno quente, beiços sensuais, bonitos dentes, olhos luxuriosos de macaca. (2019, p. 32)

Rita Baiana: mulata sensual

“Cercavam-na homens, mulheres e crianças; todos queriam novas dela. Não vinha em traje de domingo; trazia casaquinho branco, uma saia que lhe deixava ver o pé sem meia num chinelo de polimento com enfeites de marroquim de diversas cores. No seu farto cabelo, crespo e reluzente, puxado sobre a nuca, havia um molho de manjerição e um pedaço de baunilha espetado por um gancho. E toda ela respirava o asseio das brasileiras e um odor sensual de trevos e plantas aromáticas. Irrequieta, saracoteando o atrevido e rijo quadril baiano, respondia para a direita e para a esquerda, pondo à mostra um fio de dentes claros e brilhantes que enriqueciam a sua fisionomia com um realce fascinador. (2019, p. 52)

Firmo: o negro preguiçoso, vadio.

“- Então agora, com este mulato, o Firmo, é uma pouca-vergonha! Est’ro dia, pois você não viu? levaram ai numa bebedeira, a dançar e cantar à viola, que nem sei o que parecia! Deus te livre! - Para tudo há horas e há dias!... - Para a Rita todos os dias são dias santos! A questão é aparecer quem puxe por ela! - Ainda assim não é má criatura... Tirante o defeito da vadiagem...” (p. 19)

Com esses trechos foi possível fazer uma reflexão sobre o assunto com os alunos e ouvir seus apontamentos.

Também se expôs trechos do livro “Reinações de Narizinho” de Monteiro Lobato para discussões:

“Tia Nastácia, negra de estimação que carregou Lúcia em pequena” (2014, p.11)

.....
 “Além da boneca, o outro encanto da menina é o ribeirão que passa pelos fundos do pomar. Suas águas, muito apressadinhas e mexeriqueiras, correm por entre as pedras negras de limo, que Lúcia chama as “tias Nastácias dos rios”. (2014, p.15)

.....
 “A negra apareceu na sala enxugando as mãos no avental”. (2014, p. 41)

Como na obra anterior, os alunos teceram comentários sobre os trechos supracitados, analisando o que chamava atenção. Para isso, pediu-se que circulassem o que os tocava e a alcunha de animal de estimação, pedras negras, comparando a Tia Nastácia e a forma como é tratada na obra também foi alvo de comentário: “Não é certo isso, ela é gente”.

Na verdade, praticamente todas as passagens do livro em que aparece a personagem Nastácia estão associadas ao trabalho doméstico, ao espaço da cozinha, ao servir ao outro e é considerada um animal de estimação.

A seguir retrata-se alguns momentos da intervenção. Nas fotografias os alunos não são apresentados, pois são menores que estão cumprindo medida socioeducativa.

Fotografia 5: Apresentação do livro “O cortiço” de Aluísio Azevedo



Fonte: Antonia Noelia Lopes Rocha (2021)

Fotografia 6: Leitura de trechos “O cortiço” de Aluísio Azevedo e Reinações de Narizinho de Monteiro Lobato



Fonte: Antonia Noelia Lopes Rocha (2021)

Fotografia 7: Análise de trechos de livros



Fonte: Antonia Noelia Lopes Rocha (2021)

Quando se fala em estereótipos que representam o negro no texto literário refere-se aos personagens típicos, que são apresentados já com determinada alcunha: o preguiçoso, a mulata sensual e erotizada, o escravo bom e servil, o negro que é vítima e até feiticeiro. Essas marcas estereotipadas estão “amarradas” a cor da pele, pois como é sabido o Brasil traz desde suas origens o rastro de pessoas negras que deram sua força através do trabalho escravo. Sobre o corpo negro convém dar ênfase ao que propõe Souza (2016, p.10): “O corpo é um elemento

central da representação social da raça e do gênero que, geralmente, produz uma percepção estereotipada e calcada numa cisão entre superioridade e inferioridade”.

Segundo Ratts (2004a) *apud* Souza (2016, p. 10),

“a corporeidade assume importância nas marcas espaciais, além das formas arquitetônicas e paisagísticas. O ser humano molda o espaço, imprime sua marca nele e sofre suas influências. O corpo negro no Brasil colonial foi altamente explorado e dominado, o que configurou uma representação negativa presente nos dias de hoje ligada a uma noção de inferioridade, subalternização e promiscuidade. Até mesmo a referência aos espaços públicos como a rua esteve relacionada à corporeidade negra, à malandragem e à marginalidade e continuou mantendo uma analogia entre a desordem e a presença negra nos espaços públicos”.

Esse viés estereotipado dos personagens negros vem até mesmo do retrato que é repassado desde o início da colonização até os livros didáticos que são trabalhados em sala de aula, trazendo uma imagem negativa do negro e até do continente africano. Quando se pergunta aos nossos alunos o que entendem pelo continente africano, falarão de crianças com ventres grandes passando fome, de pobreza e até das savanas, mas não pensarão que é composto por países que possuem muitas riquezas materiais e culturais.

Para Souza (2016, p. 12) “a visão estereotipada sobre homens e mulheres negros(as) do Brasil e de outros países, do continente africano de uma maneira geral, ainda é bastante veiculada nos livros didáticos de Geografia e História”.

Selecionando, por exemplo, a personagem Bertoleza percebe-se que seu corpo negro traz o retrato da servidão que assolou o nosso país na época da colonização. que é apresentada como negra e escrava, que satisfaz os caprichos de um branco e que luta dia e noite para enriquecê-lo a todo custo, tendo assim uma negra que nasceu para servidão.

Ao final das discussões, propôs-se um breve questionário sobre as obras trabalhadas e todos responderam que não conheciam a obra “O cortiço” de Aluísio Azevedo, todavia afirmaram conhecer a série televisiva “Sítio do Pica Pau Amarelo”. Inclusive conheciam a personagem Nastácia, apresentada neste trabalho.

A segunda pergunta foi como haviam percebido o negro no texto literário. Um aluno afirmou ter sido representado como “um bicho, um objeto”. Outro aluno afirmou “escravizado, sofrendo”.

A última pergunta foi em relação ao respeito à cultura: Por que se deve respeitar as diversas culturas? E uma resposta foi uma pergunta “Tu gostaria que eu desrespeitasse a tua cultura?” Outro adolescente respondeu “Para não ter preconceito”.

E quanto a interculturalidade na obra “O Cortiço”?

Adotou-se neste trabalho o conceito de interculturalidade no sentido de integração entre saberes diferentes, de forma a acreditar que há culturas díspares, porém outros estudiosos têm outras teorias a respeito do assunto. Todavia no processo de colonização costumou-se caracterizar culturas dominantes e inferiores, a saber os saberes do ocidente seriam mais privilegiados e isso tem se configurado também nos currículos escolares, onde os conhecimentos repassados estão pautados no cientificismo e bem se sabe que há conhecimentos para além da ciência. Segundo Sacristán, o currículo

Desde suas origens, o currículo tem se mostrado uma invenção reguladora do conteúdo e das práticas envolvidas nos processos de ensino e aprendizagem; ou seja, ele se comporta como um instrumento que tem a capacidade de estruturar a escolarização, a vida nos centros educacionais e as práticas pedagógicas, pois dispõe, transmite e impõe regras, normas e uma ordem que são determinantes. (2013, p.20)

Santomé apud Gomes (2012, p.110) também ratifica o que mencionamos anteriormente:

Quando se analisam de maneira atenta os conteúdos que são desenvolvidos de forma explícita na maioria das instituições escolares e aquilo que é enfatizado nas propostas curriculares, chama fortemente a atenção à arrasadora presença das culturas que podemos chamar de hegemônicas. As culturas ou vozes dos grupos sociais minoritários e/ou marginalizados que não dispõem de estruturas importantes de poder continuam ser silenciadas, quando não estereotipadas e deformadas, para anular suas possibilidades de reação.

Segundo Vasconcelos a interculturalidade é um conjunto de propostas de convivência democrática entre diferentes culturas, buscando a integração entre elas sem anular sua diversidade. Vasconcelos cita Fleuri (2005) ao afirmar que o termo tem origem e vem sendo utilizado com frequência nas teorias e ações pedagógicas, mas saiu do contexto educacional e ganhou maior amplitude passando a referir-se também à práticas culturais e políticas públicas. Este termo diferencia-se de outro bastante usado no estudo da diversidade cultural que é o da multiculturalidade que indica apenas a coexistência de diversos grupos culturais na mesma sociedade sem apontar para uma política de convivência.

Na obra em análise, “O cortiço”, percebe-se que há uma infinidade de culturas, de saberes diferentes e que em alguns momentos se chocam e em outros há a socialização delas. Firmo e Rita Baiana carregam a alegria e o molejo e o gingado baiano e fazem isso durante as apresentações no pátio da estalagem, aos domingos, que é o dia do descanso após a semana de trabalho. Muitos moradores participam e partilham daquela alegria contagiante, diferente do português Jerônimo que se afasta com sua esposa.

“Em casa de Rita Baiana a animação era inda maior. Firmo e Porfiro faziam o diabo, cantando, tocando bestialógicos, arremedando a fala dos pretos cassanges. Aquele não largava a cintura da mulata e só bebia no mesmo copo com ela; o outro divertia-se a perseguir o Albino, galanteando-o afetadamente, para fazer rir à sociedade. O lavadeiro indignava-se, dava o cavaco. Leocádia, a quem o vinho produzira delírios hilaridade, torcia-se em gargalhadas, tão fortes e sacudidas que desconjuntavam a cadeira em que ela estava; e, muito lubrificada pela bebedeira, punha os pesados pés sobre os de Porfiro, roçando as pernas contra as dele e deixando-se apalpar pelo capadócio. O Bruno, defronte dela, rubro e suado como se estivesse a trabalhar na forja, falava e gesticulava sem se levantar, praguejando ninguém sabia contra quem. O Alexandre, à paisana, assentado ao lado da mulher, conservava quase toda a sua seriedade e pedia que não fizessem tanto barulho porque podiam ouvir da rua”. (2019, p. 59)

A interculturalidade respeita e aceita os diversos saberes e manifestações, segundo o posicionamento adotado neste trabalho. Pode-se perceber outra forma de conhecimento a partir do trecho a seguir, em que vigorou a sabedoria popular, isto é, outra cultura, outro saber:

“A mulata velha aproximou-se, desatou-lhe violentamente o vestido, levantou-lhe as saias e examinou-lhe todo o corpo, tateando-lhe o ventre, já zangada. Sem obter nenhum resultado das suas diligências, correu a chamar a Bruxa, que era mais que entendida no assunto. A cabocla, sem se alterar, largou o serviço, enxugou os braços no avental, e foi ao número 12; tenteou de novo a mulatinha, fez-lhe várias perguntas e mais à mãe, e depois disse friamente:
- Está de barriga”. (2019, p. 87)

Entretanto, no dia a dia e isso decorre desde muito tempo, há o preconceito com pessoas que agem como curandeiro. No momento da discussão em sala de aula alguns alunos disseram: “Minha mãe já me levou à uma rezadeira, pois ela disse que tive quebranto”; “uma vez vi uma pessoa rezando numa criança com uns galhinhos”. Isso faz parte da sabedoria popular.

Assim, percebe-se que é necessário um novo olhar por parte da escola em relação a interculturalidade, de modo que haja respeito e diálogo sobre a diversidade cultural. É, necessário, portanto, que haja a descolonização do currículo, mesmo sendo um grande desafio, no entanto, as mudanças devem acontecer, para que haja mais inclusão na sala de aula e menos discriminação e preconceito. A própria Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018) defende que “o Brasil, um país caracterizado pela autonomia dos entes federados, acentuada diversidade cultural e profundas desigualdades sociais, os sistemas e redes de ensino devem construir currículos, e as escolas precisam elaborar propostas pedagógicas que considerem as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes, assim como suas identidades linguísticas, étnicas e culturais”.

Portanto, é necessário que a escola se mobilize e busque trabalhar de forma democrática os conhecimentos, desde conhecimentos científicos até os populares, enfatizando a

interculturalidade e ainda que as leis 10.639/03 e 11.645/08 se efetivem nas instituições de ensino, não como folclorismo, mas como método de inclusão das minorias.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intervenção aconteceu no CSS de Sobral, todavia algumas ideias do projeto não puderam ser executadas, conforme relatado neste trabalho, em virtude do período pandêmico que assola o mundo. A atividade de intervenção foi pautada no diálogo entre os adolescentes, buscando promover o compartilhamento de conhecimentos, primando pela qualidade e não pela quantidade. Conseguiu-se obter o resultado esperado de forma que houve o reconhecimento entre o texto literário e não literário, o diálogo sobre colonização e descolonização, fatores raciais e suas minorias, preconceito, compreensão do papel desempenhado pelo negro no texto literário e a interculturalidade, este, por sua vez pensando o respeito entre as várias culturas. Porém, esse entendimento de interculturalidade pode variar conforme o entendimento de alguma ideologia ou teoria.

Muitas discussões estão sendo feitas nos últimos tempos acerca da cultura negra, no entanto muito ainda precisa ser feito. E a escola como espaço de inclusão deve ser aliada a este diálogo.

Assim, a intervenção pedagógica foi de suma importância para a formação de novas ideias acerca do negro na sociedade. Certamente as discussões servirão de reflexão e desmistificação de alguns estereótipos que as pessoas negras sofrem, seja na obra literária, seja na vida real. As leituras e os embasamentos teóricos foram de suma importância para a realização da intervenção.

Para que a intervenção acontecesse, certamente surgiram desafios a enfrentar e eles começaram logo no início. Houve a mudança de instituição em que seria aplicada a intervenção, todavia isso foi positivo, pois surgiu a oportunidade de trabalhar com um público que muito necessita destas discussões, que são adolescentes cumprindo medida socioeducativa. Outro grande desafio foi a pandemia, em que as aulas passaram a acontecer de forma remota, todavia quando a execução do trabalho iria começar as aulas retornaram de maneira presencial e isso dificultou uma das partes da aplicação, mas isso não impediu que acontecesse. Mesmo não acontecendo como projetado, o caráter intercultural e interdisciplinar foi mantido.

Mais desafios existirão, pois muitos ainda têm uma visão distorcida do papel do negro em sociedade, mas a ideia é discutir e vencer esses desafios e, acima de tudo, trabalhar o respeito independente de raça, religião, sexo ou qualquer outro fator.

Por fim, a escola como principal propagadora de conhecimentos precisa estar atenta às novas mudanças e especialmente repensar suas ideologias, buscando a descolonização do currículo como forma de inclusão e busca de melhorias. Aliado a isso, o texto literário pode ser uma carta na manga, pois a literatura humaniza e faz seres mais críticos e atuantes e, bem se sabe o quanto ainda é necessário que haja mais agentes de mudança, principalmente no aspecto racial, pois ainda há muita discriminação.

10 REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. 3. ed. – Jandira, SP: Principis, 2019.

BERND, Zilá. Literatura negra brasileira: racismo e defesa de direitos humanos. **LETRAS - Revista do Mestrado em Letras da UFSM (RS)**, [S.l.], n. 16, p. 91 - 102, 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11485>. Acesso em: 26 maio. 2021.

BRASIL. Congresso Nacional. Senado Federal. **Estatuto da criança e do adolescente:** dispositivos constitucionais pertinentes: lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990: índice temático. Brasília, DF.

BRASIL. **Lei 11.645/08.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília, DF: Presidência da República, 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em: 08. mar. 2022.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro -Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 01 de mar de 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

CHIAVENATO, Júlio José. **Da senzala à abolição.** São Paulo: Moderna, 1999.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. Sociedade, cultura, matemática e seu ensino. **Educação e Pesquisa,** São Paulo, v. 31, n. 1, p. 99-120, jan./abr. 2005
Disponível em: <http://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/50418>. Acesso em: 09. mar. 2022.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água.** 2. ed. Rio de Janeiro, RJ :Pallas Míni, 2018.

GADZEKPO, John Rex Amuzu. Cultura Predatória e Classe Ociosa O Cortiço, de Aluísio Azevedo, sob lentes veblenianas. **Revista Eutomia-** Recife, v. 1, n.6, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/1700/1286>. Acesso em: 03. out. 2021.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem Fronteiras** v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012. Disponível em: http://www.apeesp.org.br/sistema/ck/files/5_Gomes_N%20L_Rel_etnico_raciais_educ%20e%20descolonizacao%20do%20currículo.pdf . Acesso em: 15. jun. 2021.

LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho.** São Paulo: Globo, 2014.

MORAES. Fernando Dreissig de. Ciberespaço entre as redes e o espaço geográfico: algumas considerações teóricas. **Caminhos de Geografia Uberlândia.** v. 14, n. 47, p. 139 – 149, 2013.

PPP - **Projeto Político Pedagógico.** Centro de Educação de Jovens e Adultos Professora Cecy Cialdini – CEJA, 2019.

PRANDI, Reginaldo. Exu, de mensageiro a diabo. Sincretismo católico e demonização do orixá Exu. **REVISTA USP,** São Paulo, n.50, p. 46-63, junho/agosto 2001. Disponível em:

Exu, de mensageiro a diabo. Sincretismo católico e demonização do orixá Exu | Revista USP. Acesso em: 05. ago. 2021.

RÉGIS, Sônia. Literatura e Conhecimento. **Galáxia** n. 1, 2001. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/issue/view/88>. Acesso em: 02. mar. 2021.

SACRISTÀN, José Gimeno. O que significa o currículo? In: SACRISTÀN, José Gimeno (Org.). Saberes e incertezas sobre o currículo. Porto Alegre: Penso, 2013.

SALES, Marcelo da Cunha. Educação escolar para negros privados de liberdade no rio de janeiro: dialogando com os sujeitos. **36ª Reunião Nacional da ANPED** – 29 de setembro a 02 de outubro de 2013, Goiânia-GO. Disponível em: https://www.anped.org.br/sites/default/files/gt21_3378_texto.pdf. Acesso: 09 de março de 2022.

SILVA, Martinha Aparecida da.; SOARES, Marly Catarina. LITERATURA E OUTRAS LINGUAGENS: alamedas à formação de leitores críticos. In Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor pde. [on-line] ISBN 978-85-8015-076-6 **Cadernos PDE**. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_uepg_port_pdp_martinha_aparecida_da_silva.pdf. Acesso em: 28. jan. 2022.

SOUZA, Lorena Francisco de. As relações étnico-raciais na geografia escolar: desafios metodológicos e pedagógicos. **Revista produção acadêmica – núcleo de estudos urbanos regionais e agrários/ nurba**, v. 2, n. 2, dezembro, 2016, p. 04-19. Acesso em: 28. fev. 2021.

VARGAS, Tatiane. **Dia da Consciência Negra: Por que os negros são maioria no sistema prisional?** 2020. Disponível em: <http://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/50418>. Acesso em: 08. mar. 2022.

VASCONCELOS, Luciana Machado de. Interculturalidade. In: **Mais definições em trânsito**. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/INTERCULTURALIDADE.pdf>. Acesso em: 09. mar. 2022.